

O GOSTO MUSICAL COMO ARMA: DISTINÇÃO SOCIAL POR MEIO DE AGRESSÕES ENTRE USUÁRIOS DO YOUTUBE

MUSICAL TASTE LIKE A WEAPON: SOCIAL DISTINCTION BETWEEN INSULTS BETWEEN THE USERS OF YOUTUBE

Fernando Garbini Cespedes

Mestrando em Comunicação e Artes pela Universidade de São Paulo (USP)
Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: fecespedes@gmail.com

RESUMO

A ideia de gosto foi concebida em meados do século XVI como forma de criar distinção social e manter distantes membros de grupos pertencentes a estratos sociais diferentes, por meio de preferências de comportamento, vocabulário, vestuário, práticas esportivas e recreativas, fruição de manifestações artísticas e outras facetas da vida social. Historicamente, o gosto tem sido usado por indivíduos com anseios de ascensão social em tentativas de, dentro de sociedades altamente estratificadas e estamentais, aproximar-se de seus grupos de referências. Em contrapartida, indivíduos já membros dos grupos de referência têm usado a crítica e o ataque ao gosto como forma de manter afastados os que buscam recolocação. O objetivo deste artigo é, baseado nas análises de Pierre Bourdieu (2007) acerca da construção do gosto na sociedade, posicionar as atuais disputas dos indivíduos por distinção social no contexto das redes sociais digitais, especificamente, no consumo e nos comentários feitos por usuários em vídeos musicais no YouTube.

Palavras-chave: Distinção social. Gosto musical. Redes sociais. YouTube. Música popular. Construção do gosto.

ABSTRACT:

The idea of taste was conceived during the 16th century as an instrument for creating social distinction and keeping apart members of different social layers through preferences such as social manners, vocabulary, fashion, sports and recreational habits and artistic fruition. Historically, the taste have been used by individuals or groups with social mobility needs in attempts of, in a context of little opportunities for reaching higher levels within the social structure, becoming closer to their reference groups. Conversely, individuals who originally are part of the so-called reference groups make use of attacks and criticisms towards other's tastes

in order to keep them away. The main goal of this article is, based on Pierre Bourdieu's (2007) analysis regarding the development of the taste in the society, position the current disputes of individuals for social distinction in the context of online social networks, specifically, in the consumption and in comments made by users in music videos on YouTube.

Key-words: Social distinction. Musical taste. Social networks. You Tube. Popular music. Construction of taste.

1 A ORIGEM SOCIAL DO GOSTO

A ideia de gosto como a conhecemos hoje tem mais de 500 anos e começou a tomar forma junto com outros conceitos como civilidade, bons costumes e etiqueta. Nas monarquias absolutistas da Europa a vida (social, política, afetiva, religiosa e econômica) era baseada em hierarquias e estratificação de classes, e, para manter o clero, a nobreza e a plebe em seus devidos lugares havia uma série de mecanismos. Guerras, rígidos mandamentos religiosos e exploração econômica (basta lembrarmos da *talha*, da *corvéia* ou da *mão-morta*) eram talvez os mais violentos meios de manter o poder na mão de senhores feudais, reis e suas cortes. Havia, porém, toda uma série de sutis instrumentos sociais para se chegar aos mesmos fins.

As maneiras de falar, comer, vestir-se, caminhar, portar-se em público, cavalgar e todas as outras atividades cotidianas funcionavam, também, como representação das diferenças entre servos e nobres. Como forma de destacar-se das classes mais baixas, a nobreza criava normas, padronizando os mais diferentes comportamentos sociais, de maneira que aqueles que não os seguissem não seriam considerados membros do grupo. Essas práticas tornaram-se tão importantes na vida social da época que manuais de bons costumes, etiqueta e comportamento da nobreza começaram a ser escritos e impressos já no século XVI.¹

O gosto surge então como uma das dimensões do comportamento social esperado do nobre. O que comer, beber, que tipos de quadros apreciar, que tipos de instrumentos musicais tocar, ou músicas ouvir faziam parte das escolhas que deveriam ser feitas para reforçar o sentimento de pertença à classe nobre, deixando clara para a plebe a distinção entre ambos. Tão importante quanto as decisões do que consumir em matéria de alimentação, vestuário, ou arte estavam as decisões em relação ao que evitar, negar e excluir, já que, para fins de distinção entre as classes sociais, pior do que não seguir uma prática nobre é *ser pego* seguindo uma prática de servos². Assim, desde seu surgimento, a simples idéia de gosto, em uma palavra, jamais existiu: o que existiu, desde o princípio, foi o *bom* e o *mau* gosto.

As estratégias de distinção social por meio do *bom* e *mau* gosto tiveram o seu grande efeito quando as preferências de pessoas ou grupos por este ou aquele tipo de pintura, esporte ou música passaram a ser percebidas como elementos de definição de sua própria posição social: um nobre não seria mais um nobre se não soubesse cavalgar, ao mesmo tempo, sua pretendente não estaria digna do matrimônio se não dominasse algum instrumentos musical dito da música nobre, ou não fosse graciosa ao vestir-se, ou caminhar. A partir daí, o gosto passou a representar mais do que apenas escolhas de comportamento e apreciação e começou a confundir-se com a própria imagem que o nobreza projetava para se diferenciar. Neste momento, *possuir* uma preferência ou gosto confundiu-se com *fazer parte* de um grupo, *ter* tornou-se *ser*. Ao tomar estas proporções, as diferenças de gosto começaram a representar distinções em níveis maiores: etiqueta, civilidade, gosto e costume tiveram um mesmo fim: opor-se a um outro conceito.

Na verdade, criou-se uma antítese entre o que era ter "bom gosto" e ser "civilizado" com um comportamento tipicamente "bárbaro" e "primitivo". A sociedade européia seria, naturalmente, a representante desse conceito de civilização e cultura; as outras, onde se incluem as colônias americanas, necessitariam ainda passar por um processo que as tiraria de seu estado primitivo³.

Assim, o gosto começou a ser usado também como pretexto para disputas de poder e hegemonia, as quais veremos mais à frente.

Ao falar de *bom* e *mau* gosto, é tentador cair na armadilha de tentar definir e contrapor ambos de maneira exata, científica. Evitarei entrar neste embate tendo em conta que

sempre que fazemos uma apreciação estética do gosto utilizamos, para tanto, o universo de informações, valores e normas que traduzem por meio da nossa ação social todo o pensamento e a lógica da classe a que pertencemos. Essa constatação invalida de certa forma uma análise profunda e criteriosa da estética do gosto.⁴

Bourdieu (2007) embasa esta ideia ao dizer que “qualquer análise relativa à essência da disposição estética, única maneira socialmente considerada como 'conveniente' para abordar os objetos socialmente designados como obras de arte (...) está necessariamente destinada ao fracasso.⁵” Assim, ao invés de falar de *bom* e *mau* gosto, juízo de valor segundo a lógica de classe de quem julga, falarei de *tipos* de gosto, modos de gostar próprios de cada classe - inevitavelmente volta-se à distinção por classes, já que esta distinção está no DNA do gosto - que vêm sendo forjados durante os séculos.

2 O GOSTO BÁRBARO, MUNDANO E DOUTO

De maneira bem simplificada, períodos históricos encaixam-se, grosso modo, em determinados estilos de representações artísticas. Na Europa Renascentista, época na qual inaugura-se o conceito de civilidade e, portanto, de gosto⁶, obras de arte, principalmente a pintura, geralmente retratavam o mecenato que as sustentava. Na música, compositores inspiravam-se nas paisagens sonoras, conceito que veremos mais à frente, para criar suas obras, e estas resultavam em obras repletas de ventos, pássaros, animais, chuvas e trovões.⁷ Anterior ao antropocentrismo Renascentista, vimos a arte medieval baseada na presença de motivos religiosos. Mais à frente, nos séculos XIX e XX, as artes nos trazem, entre inúmeras outras questões, representações de guerras e tragédias do homem - os tiros de canhão de *1812*, de Tchaikovsky, os dolorosos retratos de *Guernica* e *Os Retirantes*, de Picasso e Portinari, Coppola e seu *Apocalypse Now* e os conflitos pessoais em *The Wall*, do Pink Floyd, *ad infinitum*.

Enfim, poderíamos passar páginas e páginas listando escolas, gêneros e obras de arte e, ao lado delas, os fatos e contextos históricos que as inspiraram. O ponto aqui é deixar claro que, historicamente, a maioria das obras de artes têm como função representar algo externo a elas, serem alegoria para outra mensagem, função que pode aparecer de maneiras mais ou menos diretas, sutis, encobertas, escancaradas ou escondidas. Por isso, o gosto para as artes surgiu num contexto em que o objeto representado pela obra - o nascer do sol, a guerra, Deus, a fome, um nobre - não podia ser dissociado da obra da arte em si:

Em resumo, segundo parece, a obra só é plenamente justificada, seja qual for a perfeição com a qual desempenha sua função de representação, se a coisa representada tiver merecido tal representação e se a função de representação estiver subordinada a uma função mais elevada, como a de exaltar, fixando-a, uma realidade digna de ser eternizada.⁸

Assim, se este objeto fosse associado a algo bom, positivo - provavelmente Deus e o nascer do sol - a obra também seria. Ao mesmo tempo, obras representando algo negativo, ruim - guerra e fome - poderiam ser percebidas mais facilmente como obras ruins, ainda que a execução técnica tenha sido impecável. O mesmo vale para as narrativas: “ sem um *final feliz*, livros, peças de teatro e filmes têm mais chance de entrar no hall das obras indignas na visão do gosto popular historicamente construído, prova disso é o sucesso das novelas brasileiras, e seus finais repletos de casamentos, grávidas e sorrisos.”⁹

Esta relação de dependência entre gosto e objeto representado na obra é uma das principais características do gosto bárbaro atribuído às classes mais baixas da sociedade. Outra é a necessidade de se retratar o objeto da maneira mais realista possível como um ponto que leva a uma apreciação mais favorável, já que “reconhece apenas a representação realista - ou seja, respeitadora, humilde, submissa - de objetos designados por sua beleza ou importância social.”¹⁰ Ou seja, *O Grito*, de Munch, teria dificuldades de aceitação dentro desta esfera popular do gosto, já que perverte a natureza real da paisagem e da aparência humana. Outro fator essencial para que o gosto popular se satisfaça na obra de arte é a necessidade de entendimento da obra. Sem o entendimento do que a obra significa ou deveria representar, o gosto popular pode se manifestar de maneira negativa, assim, tudo na obra deve ser didático e favorecer o entendimento: personagens construídos de forma maniqueísta - quem é bom é sempre bom e viceversa - narrativas cronológicas, morais da história, etc. Gêneros e artistas que não respeitam estas regras (uma pintura de Kandinsky, uma peça de Cage, ou uma obra de Duchamp) estão fadados a não receberem reconhecimento do gosto popular.

Uma distinção relativa ao gosto ainda mais perceptível é a que surge das diferenças sociais e de onde e como nasceram e cresceram indivíduos de classes diferentes: estes fatores definem a fronteira entre dois modos de aquisição de cultura. Esta distinção separa os *doutos* dos *mundanos*, nomes que estarão presentes ao longo de todo o capítulo, sendo os primeiros aqueles que possuem:

capital estatutário de origem, ou seja, aprendizagens culturais, maneiras de comportar-se à mesa ou arte da conversação, cultura musical ou senso das conveniências, prática do tênis ou pronúncia da língua e são fornecidas pela precocidade da aquisição da cultura legítima.¹¹

Em oposição, o gosto mundano, por não ter conhecimento prévio dos códigos da arte, seria aquele que adota seu prazer como juiz e possui a delicada perfeição do saber viver, ou seja, há pouco espaço para o aprender a apreciar, a relação é direta: o mundano, ao ouvir a música, terá uma reação imediata que definirá se aquela obra atende seu gosto ou não, a apreciação não passa pelos filtros de análises e critérios do gosto douto.

Após esta descrição, não é difícil imaginar quais estratos sociais estão ligados a cada um destes tipos de gosto. O douto (o discófilo, aquele que, por ter sido treinado desde a infância para a apreciação da arte, reduz a fruição a uma emoção conhecida, codificada) difere do

mundano (o que prefere o sensível ao sentido, tem ódio da eloquência), pois seu gosto está estreitamente relacionado com o código (em todos os sentidos do termo), com as regras, portanto, com a Escola e com a Crítica; e o mundano que, situado no campo da natureza e do natural, contenta-se em sentir (...) liberando a experiência artística de qualquer vestígio de intelectualismo, didatismo e pedantismo.¹²

Esta divisão entre mundano e douto para o gosto musical aparece, de forma similar, nas duas instâncias que usamos nos julgamentos pessoais que fazemos diante de tudo aquilo que bate em nossos tímpanos diariamente e que nos ajuda a separar a música *boa* da música *ruim*: o juízo estético/sensível e o juízo cognitivo. O primeiro

move-se (...) para lá dos conceitos linguísticos; assenta na impressão sensível, na sensação que opõe à música uma reação judiciativa (que julga ou sentencia). Pode-se formar na total ausência de expressões, pode resumir-se numa única palavra: "bom" ou "mal" ("como isto é belo!" ou "tão feio!").¹³

Já o juízo cognitivo é aquele que “procura encontrar as razões, o porquê algo agrada ou desagrade, ou, exagerando, os motivos do "bom" ou do "mau", quer no sujeito (por ex. ao nível da sua formação musical), quer - de modo analítico - no objecto, a própria música.”¹⁴

Assim, a principal diferença do gosto mundano para o gosto douto é a proporção entre os dois juízos que é aplicada durante a escuta. O mundano é aquele cuja escuta está mais baseada no juízo sensível/estético (mas sempre na presença, mesmo que menor, do juízo cognitivo), enquanto que, na escuta do douto, o juízo cognitivo tem um papel maior que na escuta mundana, embora ainda secundário em relação ao outro, já que “em virtude de a música ser criada para a compreensão sensível, o primado cabe, em princípio, ao juízo sensível. O juízo cognitivo pode não só tentar esclarecer o sensível, mas também ir em sua ajuda, estimulá-lo, aprofundá-lo, modificá-lo e transformá-lo.”¹⁵

3 BOM GOSTO MUSICAL: UM DISTINTO CLUBE COM MUROS BAIXOS

Entender como o gosto se constrói sem lembrar de que ele tem como função original a distinção social é não observar uma das principais questões ao seu redor: nossa relação com o gosto do outro. Por quê estamos o tempo todo tentando influenciar, criticar, moldar, menosprezar, exaltar, modificar e classificar o gosto do outro? Por quê o gosto do outro nos incomoda tanto? Se o gosto é a representação social de quem somos ou de quem gostaríamos de ser, o trabalho de moldar este gosto é uma espécie de atalho entre estes dois mundos, o da pertença (quem somos ou projetamos ser) e o da referência (quem gostaríamos de ser ou a imagem que gostaríamos de projetar).

Vimos que pessoas com níveis de escolaridade e renda mais altos tendem a ter uma disposição estética mais desenvolvida, já que a propensão à disposição estética é um valor cultivado pelas classes altas e o fomento destes valores é, portanto, uma função da instituição escolar (nenhum outro extrato social frequenta escolas de nível tão alto e por tanto tempo quanto as classes altas). Assim, ao regressarmos às origens da divisão do gosto, vemos que ela tende a diferenciar, a partir da massa, grupos cujas “condições de existência caracterizam-se pela suspensão [...] da necessidade econômica, assim como pelo distanciamento objetivo e subjetivo em relação à urgência prática”¹⁶. Em outras palavras, as diferenças de gosto musical, por estarem condicionadas à disposição estética - e esta, por sua vez, condicionadas a níveis de renda e escolaridade - são também divisões de classe social. Assim, todas as disputas e mecanismos descritos nas dinâmicas das lutas de classe se reproduzem nas discussões em torno do gosto musical, algo que, por si só já garantiria o acirramento das discussões e disputas.¹⁷ Adicionando à receita duas qualidades particulares da música que discutirei abaixo, uma que diz respeito a sua natureza (que chamarei de *visceralidade*) e outra referente a sua prática de consumo (*acessibilidade*), as discussões e disputas em torno do gosto musical formam um verdadeiro campo minado.

O que aqui chamo de *visceralidade* é o caráter instintivo, pouco racional, que cerca o universo da música. Wisnik (2011) expõe que, por ser construída de sons, a música atua em outra ordem do real, muito mais próxima do mundo espiritual do que do concreto. Nossa percepção está treinada para perceber a realidade basicamente por meio da visão e tato. Sendo os sons invisíveis e intangíveis, é natural que tenhamos “atribuído a ela, nas mais diferentes culturas, as próprias propriedades do espírito”¹⁸. Oportunamente para as discussões sobre os embates em torno do gosto musical que tratamos aqui, ele ainda afirma que:

a música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta com uma força toda sua para o não-verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e a mais violentas recusas.¹⁹

Outra particularidade relacionada ao consumo da música agrava este estado quase bélico das negociações do gosto: dentre todas as categorias de bens de consumo - cuja finalidade é, sem exceções, criar distinção social²⁰ - a música aparece como uma das mais acessíveis economicamente: se um milionário quer diferenciar-se por meio de roupas ou carros, basta comprar um Armani ou um Jaguar e a distinção será instantânea. Carros, roupas, restaurantes, viagens, imóveis e inúmeros outros produtos podem apresentar uma variação de

preço astronômica, portanto, a própria obtenção de determinada marca já atua como fator de distinção social entre o grupo de pertença e o de referência. Porém, o preço de um cd de pagode não é necessariamente maior do que um de música clássica, um rádio de pilha comprado no camelô sintoniza a mesma estação que um aparelho Bang & Olufsen comprado na Dinamarca e os vídeos musicais no YouTube estão disponíveis a todos os usuários, sem distinção.

Assim, se por um lado a música representa uma das faces mais apaixonadas e violentas da busca por distinção social, por outro, sua forma de uso não permite que o gosto cumpra plenamente sua função de criar distinção social, já que a grande acessibilidade iguala indivíduos em posições sociais distintas, permitindo aos que aspiram por ascensão social pular o muro para o lado de dentro, algo não visto com bons olhos por quem já está dentro do privilegiado clube e deseja mantê-lo livre de novos membros.

Como resultado, sendo o gosto musical um caminho para a distinção social, os que já fazem parte do grupo social ideal e, por isso, querem barrar a entrada de novos membros usam a violência como forma de rejeitar o gosto alheio e proteger seu próprio território. Assim, temos que “os gostos são, antes de tudo, aversão, feita de horror ou de intolerância visceral (“dá ânsia de vomitar”) aos outros gostos, aos gostos dos outros”²¹. Afinal, é difícil pensar em uma maneira mais eficiente de se distinguir socialmente do outro do que menosprezando o diferente.

É por este motivo que discussões ao redor do gosto musical são geralmente acaloradas, já que encobrem, por baixo de camadas de desrezos, ironias, preconceitos e afirmações de superioridade, estratégias claras de posicionamento e reposicionamento dos indivíduos e grupos no espaço social: enquanto alguns querem descolar-se de seus grupos de origem (pertença) e ascender a um grupo superior, os que já estão neste grupo tentarão dificultar o acesso dos demais. Assim, o gosto musical é veículo de táticas²² criadas por aqueles que se vêm frustrados pela dificuldade de mobilidade social e econômica para combater esta situação. Ao mesmo tempo, outras táticas são criadas pelos que já ocupam os espaços sociais de desejo para impedir a chegada de novos membros.

4 EXPANDINDO FRONTEIRAS: A TENTATIVA DE CONTROLAR O GOSTO DO OUTRO

Um dos caminhos pelos quais tentamos posicionar-nos (e reposicionar os demais) no tabuleiro das distinções sociais, é, portanto, a crítica ao gosto do outro, estes “julgamentos classificatórios emitidos por eles sobre as práticas dos outros ou suas próprias práticas”²³ são as

forma que temos para influenciar, baseados na nossa percepção individual, as posições de nossos pares e, portanto, a nossa própria posição relativa a eles, nos diferentes espaços sociais. Criticar o gosto musical do outro é uma das principais formas que temos de tentar regular quem determinada pessoa aparenta ou projeta ser, já que:

não há luta a propósito da arte cujo pretexto não seja, também, a imposição de uma arte de viver, ou seja, a transmutação de determinada maneira arbitrária de viver em maneira legítima que, por sua vez, atira qualquer outra maneira de viver na arbitrariedade.²⁴

Criticar o gosto alheio parece ser algo não só incontrolável, mas também prazeroso. Nas dinâmicas da construção do gosto, o menosprezo ao gosto do outro é uma ferramenta eficaz já que, ao mesmo tempo que rebaixa o criticado a uma categoria inferior do gosto, eleva o crítico ao panteão dos que possuem o gosto superior, duplicando o abismo cultural (e social) criado. Além disso, cria, perante os demais, uma aura de conhecimento em volta do crítico, emprestando uma notoriedade e sabedoria que só podem possuir aqueles com conhecimento de causa no assunto.

Veremos alguns exemplos de como as táticas de movimentação no espaço social via disputas de gosto musical ocorrem no *YouTube* por meio de comentários deixados por usuários em vídeos de música. Foram considerados aqui apenas os comentários principais (*top comments*) de cada vídeo ou seja, os comentários que obtiveram mais repercussão, positiva ou negativa, dos demais usuários. Os comentários foram transcritos a partir de capturas de tela do *YouTube*²⁵, na íntegra e no idioma original (Português ou Inglês) e serão apresentados juntamente com o número de visualizações totais do vídeo e o número de *likes* para cada comentário transcrito, até as datas de captura das telas, sob forma do número entre parêntesis após o comentário.

5 VIDRAÇAS

Os casos mais comuns de críticas do gosto musical estão ligados às manifestações do gosto mundano ou bárbaro, principalmente quando os artistas envolvidos atingem grande popularidade. Destaco entre eles, *boybands* adolescentes e gêneros que abusam de temas sexuais e populares (como o axé, o sertanejo e o funk), que parecem ser presas mais fáceis dos críticos do gosto. Embora muitas críticas estejam apoiadas nas características objetivas da música em si (estéticas e de conteúdo), outras tantas são agressão pura, sem qualquer tentativa de se estabelecer um diálogo. É interessante notar que a defesa dos artistas, feita por seus fãs,

sob forma de comentário-resposta, na tentativa de manter imaculado o território do ídolo, também diz muito sobre as manifestações do gosto musical:

- **Vídeo:** RESTART – Pra Você Lembrar [Clípe Oficial]
- **Visualizações:** 13.465.728
- **Comentários mais populares:**
 - Se não goosta CaralhoO é simplleees não escuta!!! Agr aleem de ouvir deeixa esse coomentaarioos ridiculoos –‘É muita infantiliidaade’:S [4].
 - Bando de chupa rola q se acha foda [4]

Os comentários em vídeos da banda Restart geram muito material para qualquer curioso em relação ao tema, no exemplo, um usuário agride a banda (colocar a masculinidade em xeque é uma tática comum usada por detratores) e é apoiado por outros usuários. Em outro comentário, igualmente apoiado, um fã defende a banda (a relação simples e direta explícita em "não gosta, não escuta" é exemplo claro do gosto *mundano*).

- **Vídeo:** É o Tchan– A Dança do Bumbum
- **Visualizações:** 179.111
- **Comentários mais populares:**
 - MUSICA E CONJUNTO RIDICULO, SEM QUALQUER CONTEUDO OU MENSAGEM [este comentário recebeu muitos votos negativos]
 - A musica é prá dançar e não para passar conteúdo...]28]

No vídeo *A Dança do Bumbum* do grupo *É o Tchan*, temos outro exemplo claro da disputa entre o gosto douto e o mundano, enquanto um usuário critica a música pelo fato dela não apresentar nenhum conteúdo ou mensagem (comportamento típico do douto, que analisa e dissecar a música em busca de veredictos em relação a sua qualidade), os defensores, em esmagadora maioria, respondem que a música é pra dançar e não para passar conteúdo (visão do gosto mundano).

- Vídeo: Michel Teló – Ai se eu te pego – Oficial - Visualizações: 306.009.463
- Comentário mais popular: P E N I S [12]

Para este comentário, vale destacar que a sensibilidade do falante comum destaca que, “enquanto para todos os sinónimos de belo seria possível conceber uma reação de apreciação desinteressada, quase todos os sinónimos de feio implicam sempre uma reação de nojo, senão de violenta repulsa, horror ou susto”.²⁶

5 OS DOUTOS NO ATAQUE

Não são apenas os fãs de música popular que tentam influenciar e moldar o gosto musical alheio com agressividade, ouvintes de artistas de gêneros ligados ao gosto cultural da elite, como a música erudita e o rock progressivo, também procuram demarcar seu território (e, principalmente, quem faz, ou não, parte dele).

- **Vídeo:** Mozart – Requiem
- **Visualizações:** 21. 497.596
- **Comentários mais populares:**
 - Seems like a number of posters here need to get their nappies off, rather than panties or anything else. Sounds more like a requiem to the intellect here! If you have no respect towards Mozart or his incredible music, kindly show some decency towards the uploader of this clip, who surely deserves our gratitude for sharing such beauty with us. Conversely, spare us your peasantry & provinciality, cusses n’ all. Everybody can be rude you see, but not everybody can be polite! [126]
 - 978 people are Salieri.²⁷[20]
- **Vídeo:** Symphony N° 9 – Ludwig Van Beethoven
- **Visualizações:** 97.018
- **Comentários mais populares:** *5 people should have their ears removed.*²⁸ [45]

A conhecida educação e os bons costumes dos amantes da música erudita se transformam em arrogância e violência quando estes são confrontados por pessoas que não apreciam este gênero de música. No Requiem de Mozart, fãs comparam todos aqueles que não gostaram da obra ao compositor Antonio Salieri, responsável, segundo uma das versões conhecidas, por ter envenenado Mozart, causando sua morte. Já os comentários da 9ª sinfonia de Beethoven mostram que, para os fãs, pessoas que não gostaram da obra deveriam ter suas orelhas removidas. Os exemplos acima mostram que:

a intolerância estética exerce violências terríveis. A aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes (...) E, para aqueles que julgam ser detentores do gosto legítimo, o mais intolerável é, acima de tudo, a reunião sacrílega dos gostos que, por ordem do gosto, devem estar separados.²⁹

No *YouTube* e nas plataformas digitais de consumo de música, todos estão, de certa forma, juntos, se pensarmos que Mozart está há poucos cliques de distância de Michel Teló.

- **Vídeo:** Rush – Tom Sawyer
- **Visualizações:** 4.955.235
- **Comentário mais popular:** *Musical Leve: Rush (x), Excellent, Good, Regular, Bad, Fucking Bad, Justin Bieber* (44)

O comentário do vídeo da música *Tom Sawyer*, da banda de rock progressivo Rush, na imagem acima, é um exemplo claro de como o gosto douto opera. O fato de ter sido criada uma escala para medir o nível musical já conota uma sabedoria inata deste público, que não só possui conhecimento musical suficiente para definir não só o que é bom mas também o que não é. Este comentário ilustra outro ponto importante sobre como o posicionamento de outros ajuda a definir o nosso próprio no espaço do gosto: para que a distinção social tenha maior destaque, não basta que o *Rush* esteja no topo da escala de qualidade musical, é necessário também que o Justin Bieber esteja na pior posição dela.

6 DISPUTAS INTERNAS: AS NEGOCIAÇÕES DO GOSTO DENTRO DOS GÊNEROS MUSICAIS

As críticas em relação ao gosto musical alheio como tática para criar distinção social não ocorrem somente entre gêneros musicais ligados a classes sociais diferentes. Também dentro da própria classe ou grupo, indivíduos ou sub-grupos tentarão distinguir-se de seus pares. Assim, de maneira geral, ainda que membros de uma classe pareçam iguais entre si na visão dos membros de outra, as disputas por distinção social dentro do grupo seguem ocorrendo em nova escala. Dentro das restritas opções permitidas e acessíveis ao gosto de uma classe, o indivíduo ainda assim tenta se destacar:

- **Vídeo:** Gustavo Lima – Balada Boa (Lançamento) 2011
- **Visualizações:** 15.692.968
- **Comentário mais popular:** *R.I.P Michel Teló* [109]
- **Vídeo:** Luan Santana – Amar não é Pecado
- **Visualizações:** 883.355

- **Comentários mais populares:**

- Eu so Falow uma coisa quem acha a Musica dele Legal da um Joinha :-) [44]
- as pessoas que nao gostam devem andar a ouvir restart ou justin bieber [15]

Na visão daqueles que não gostam destes artistas, Luan Santana, Gustavo Lima, Michel Teló, Restart e Justin Bieber podem ter pouca ou nenhuma diferença entre si. Ouvintes de gêneros mais ligados ao gosto douto tenderão a colocar estes 5 artistas no mesmo balaio: aquele destinado aos de pouco valor artístico, não autênticos e altamente comerciais. Os exemplos acima mostram que, para os fãs, existem diferenças suficientes entre estes artistas para que, ao mostrar preferência por algum deles, os ouvintes possam se distinguir socialmente dos demais, ainda que esta distinção seja pouco percebida por outras classes. Um nível ainda mais específico desta distinção é o exemplo ilusório de um destes artistas alterar seu estilo musical em determinada fase da carreira, assim, teríamos a nova distinção entre *fãs do Luan Santana da fase original e fãs da segunda fase*, criando, assim, uma nova oportunidade para criar distinção.

- **Vídeo:** Rock Me Baby – BB King, Eric Clapton, Buddy Guy, Jim Vaughn
- **Visualizações:** 12.093.725
- **Comentário mais popular:** *buddy smoke them all, to be honest* [14]

Como já vimos, as práticas de distinção social via gosto musical se repetem independentemente do estrato social em questão, assim, disputas entre fãs de artistas que, para os leigos, têm pouca diferença entre si também aparecem neste exemplo, numa reunião de guitarristas de blues, gênero cujo público tende a diferir muito do grupo dos artistas anteriores. Seguindo o mesmo raciocínio, na visão de muitos fãs de Michel Teló ou Restart, guitarristas como Eric Clapton, BB King, Buddy Guy e Jim Vaughan são farinhas do mesmo saco, mas para fãs de blues - indivíduos que no espaço social do gosto musical compartilham lugares muito próximos - as diferenças podem ser gritantes, ao ponto de criar um novo e reduzido espaço para recolocações.

Na verdade, afirmar se realmente há diferenças significativas entre a música feita por Michel Teló e Gustavo Lima ou entre BB King e Buddy Guy não é tarefa fácil. Talvez, a necessidade de distinção social seja maior que o sentimento de pertencimento ao grupo. Sob esta ótica, estas *pseudodiferenças* seriam forjadas por fãs para que, a pesar de possuírem gostos similares, a função social seja mantida, sendo ainda possível a distinção entre os pares. Seguramente, esta pergunta feita a fãs de cada um destes artistas dificilmente teria respostas parecidas com a hipótese acima: as diferenças, para eles, seriam nítidas.

7 DISPUTAS SEM FIM

Como vimos, o conceito de gosto como o conhecemos hoje surgiu no contexto das sociedades altamente hierarquizadas da Europa Absolutista como mecanismo de distinção social entre nobreza e plebe. Esta ideia de que haveria um jeito ideal ou melhor de fazer as coisas (e que, portanto, designava, por contraposição, um jeito ruim, ou pior de fazê-las) ramificou-se por entre todas as práticas sociais: modos de falar, andar, comer, beber, vestir-se, portar-se, regras de etiqueta, práticas de lazer, consumo de arte, etc. Num mundo em que diferenciar-se é essencial, “o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado”.³⁰

Estas constantes movimentações pelo espaço social que ocorrem por meio do gosto musical não se encerram nas direções que os indivíduos definem para seu próprio gosto (embora saibamos que esta definição nunca é somente do indivíduo, possui, como vimos, grande influência externa), mas avançam sobre o gosto do outro, afinal, se o gosto é social, ele só se justifica mediante o gosto do outro. Esta invasão dos domínios do gosto alheio acaba criando embates de proporções bélicas e, como em todas as guerras, há diferentes motivos, lados e verdades.

Sendo o gosto musical produto da combinação entre o indivíduo e seu meio (estrutura e representação), é praticamente impossível transferir, traduzir ou explicar as preferências de gosto de um indivíduo ou grupo para outros, já que o sucesso desta tradução dependeria de “transfusões” de visões de mundo e valores. Assim, “os doutos só conseguem conhecer a verdade dos mundanos com a condição de renunciar a apreender sua própria verdade, e o mesmo se passa com seus adversários”.³¹

Finalmente, as disputas pelo gosto musical são retroalimentadas, já que

a própria luta produz, assim, os efeitos propícios a dissimular a própria existência da luta (...) as lutas simbólicas entre as classes estão destinadas a assumir a forma de lutas de concorrência que contribuem para a reprodução das distâncias encontradas no próprio princípio da corrida.³²

Além disso,

se a sociologia da produção e dos produtores da cultura nunca escapou, até o presente, ao jogo das imagens antagonistas, no qual "intelectuais de direita" e "intelectuais de esquerda", segundo a taxonomia em vigor, submetem seus adversários e suas estratégias a uma redução objetivista, de modo tanto mais fácil quanto mais interessada ela for, é porque a explicitação é destinada a permanecer parcial, portanto, falsa.³³

Sendo assim, os olhares que tentam decifrar tais disputas acabam encerrando-se no próprio ciclo lógico do capitalismo, fruto da mesma organização social que concebeu, há mais de cinco séculos, as formas de distinção social pelo gosto aqui discutidas.

NOTAS

- ¹ MONTEIRO, Maurício - **A Construção do Gosto: Música e Sociedade na Corte do Rio de Janeiro - 1808-1821**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 353p, p.68.
- ² Por isso o conceito de feiúra, desde o classicismo até hoje, têm sido definido como a oposição da beleza. ECO, Umberto (organização). **História da Feiúra**; tradução de Eliana Aguiar - Rio de Janeiro: Record 2007. 453 p. p.8.
- ³ MONTEIRO, Maurício - **A Construção do Gosto: Música e Sociedade na Corte do Rio de Janeiro - 1808-1821**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 353p, p.68.
- ⁴ CALDAS, Waldenyr - **A utopia do Gosto**. 2a edição. São Paulo: Brasiliense, 2009 167 p., p14.
- ⁵ BOURDIEU, Pierre - **A Distinção: crítica social do julgamento**. tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007. 560p. p32.
- ⁶ MONTEIRO- p.68.
- ⁷ SCHAFER, R. Murray - **The Soundscape: the tuning of the world**. Vermont: Destiny Books, 1994. 297p. p.104.
- ⁸ BOURDIEU, p.45.
- ⁹ De fato, nada é mais estranho à consciência popular que a idéia de um prazer estético, que, para retomar a afirmação de Kant, seria independente do prazer das sensações. - BOURDIEU, p 44.
- ¹⁰ BOURDIEU, p.45.
- ¹¹ BOURDIEU, p.70.
- ¹² BOURDIEU, p.75.
- ¹³ DAHLHAUS, Carl; EGGBRECHT, Hans - **Que é música?**. Lisboa:Edições Texto & Grafia. 2009. 169p. p.63.
- ¹⁴ Op. cit. - p.63.
- ¹⁵ Op. cit. - p.63.
- ¹⁶ BOURDIEU, p. 54.
- ¹⁷ O próprio uso dos termos *alta e baixa* para classificar os grupos sociais aqui analisados encerra-se nesta mesma problemática.
- ¹⁸ WISNIK, José Miguel - **O som e o sentido: uma outra história das músicas**, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 283 p. p.28.
- ¹⁹ WISNIK - op. cit.
- ²⁰ BAUDRILLARD, Jean - ver **A função social do objecto signo** em Para uma crítica da Economia Política do signo. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- ²¹ BOURDIEU - p.56.
- ²² *tática* em oposição a *estratégia*. CERTEAU, Michel de - **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**, tradução de Ephraim Ferreira Alvex, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. 316 p. p 45.
- ²³ BOURDIEU, p.162.
- ²⁴ BOURDIEU, p. 57.
- ²⁵ Obtidas entre os meses de Maio e Julho de 2012 e disponíveis em <http://goo.gl/eBfFf>
- ²⁶ ECO - p.19.

²⁷ Referência ao número de pessoas que clicaram em 'Não Gostei' na página do vídeo.

²⁸ Idem.

²⁹ BOURDIEU, p.57.

³⁰ BOURDIEU, p.56.

³¹ BOURDIEU - p.18.

³² BOURDIEU - p.234.

³³ BOURDIEU - p.18.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. Pierre. Social Space and Symbolic Power. **Sociological Theory**. v. 1, n. 1 New York: Spring, 1989.

CALDAS, Waldenyr. **A utopia do Gosto**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

DAHLHAUS, Carl; EGGBRECHT, Hans Heinrich. **Que é a música?** Lisboa: Edições Texto & Gracia, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SCHAFER, R. Murray. **The Soundscape**. London: Destiny Books, 1993.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.